



TEXTO POÉTICO	Ter, 25 de Janeiro de 2011	<input type="text" value="Pesquisar"/> 
<p>Início</p> <p>Corpo Editorial</p> <p>Diretrizes e normas</p> <p>Vol. 8 (2010 - 1º Sem.)</p> <p>Vol. 7 (2009 - 2º Sem.)</p> <p>Vol. 6 (2009 - 1º Sem.)</p> <p>Vol. 5 (2008)</p> <p>Vol. 4 (2007)</p> <p>Vol. 3 (2005)</p> <p>Vol. 2 (2005)</p> <p>Vol. 1 (2004)</p> <p>Corpo Editorial 2004/08</p> <p>Entrevistas</p> <p>Contato</p> <hr/> <p>ENCONTROS NACIONAIS</p> <hr/> <p>ENGT I - Anais</p> <hr/> <p>GRUPO DE TRABALHO</p> <p>TEORIA DO TEXTO POÉTICO</p> <p>Memorial histórico</p> <p>Membros</p> <p>Plano de Trabalho 2010/12</p> <p>Relatório 2008-2010</p> <p>Publicações - Livros</p> <hr/> <p>LINKS</p> <hr/> <p>ANPOLL</p> <p>Bibliotecas</p> <p>Revistas</p> <hr/> <p>Nós temos 3 visitantes online</p> <p>Membros : 2 Conteúdo : 97 Links da Web : 7 Visualizações de Conteúdo : 53835</p>	 <p style="text-align: center;"> Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL) ISSN: 1808-5385 </p> <p>Início ▶ ENGT I - Anais</p> <hr/> <p style="text-align: center;">"CRISPAÇÃO": RELAÇÕES ENTRE CONTO E POESIA</p> <hr/> <p style="text-align: center;">"CRISPAÇÃO": RELAÇÕES ENTRE CONTO E POESIA</p> <p style="text-align: right;">Natalí Fabiana da Costa e SILVA^[1]</p> <p>Resumo: Este trabalho pretende analisar "Crispação", conto de Menalton Braff, a partir do pressuposto de que essa narrativa possui considerável relação com a poesia. Repleta de metáforas e metonímias, a linguagem crispada, mas ao mesmo tempo fluida, é marcada por associações que sugerem o experimentalismo do autor. Contudo, não apenas o cuidado com as palavras e as figuras de linguagem registra as intersecções entre esses dois gêneros: no conto há grande presença de sinestesia; de sugestão; de liberdade de idéias associadas; do tempo psicológico, elementos que caracterizam "Crispação" como narrativa que se assemelha a certo lirismo impressionista. Para elaboração da análise será de grande importância os estudos de Julio Cortázar em <i>Valise de Cronópio</i>, principalmente o texto "Alguns aspectos do conto", o qual relaciona o conto como "irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário", além de Alfredo Bosi e Edgar Allan Poe.</p> <p>Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Menalton Braff; Conto; Poesia.</p> <p>Este trabalho visa ao estudo de "Crispação", conto contemporâneo, presente na obra <i>À sombra do cipreste</i>, de Menalton Braff. No entanto, por fazer uso de uma linguagem poética, enxuta, repleta de metáforas, aliterações, símbolos e sinestesia, a presente pesquisa objetiva cotejar as possíveis relações entre o subgênero narrativo conto e o gênero lírico.</p> <p>Na orelha de <i>À sombra do cipreste</i>, obra premiada pelo Prêmio Jabuti de 2000, Moacyr Scliar afirma:</p> <p style="padding-left: 40px;">'Crispação' é o título de um dos contos, e este título poderia resumir o estilo do autor: esta espasmódica, tensa contração que não deixa espaço para mais nada, a não ser o que é essencial na existência. Cada texto gira em torno ao momento do tudo ou nada, o momento da verdade - que só o talento autêntico pode captar e retratar. (SCLIAR apud BRAFF, 1999, s/p).</p> <p>Menalton Braff não é autor de poesia e tampouco escreve prosa poética, no entanto, ao falar sobre a linguagem "espasmódica", "essencial", Moacyr Scliar abre o primeiro indício para a aproximação dessa narrativa à poesia.</p> <p>Teóricos importantes escreveram acerca das possíveis relações entre conto e poesia. Em "A filosofia da composição", Edgar Allan Poe já atentava para o fato de que conto e poesia, devido à brevidade exigida pelo gênero, precisam causar um efeito de sentido no leitor. Para tal, cada palavra deve corroborar para este fim. Baseado em Poe, Júlio Cortázar, em sua obra <i>Valise de cronópio</i>, explicitamente aborda a proximidade entre conto e poesia, no artigo intitulado "Alguns aspectos do conto":</p> <p style="padding-left: 40px;">Gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário. (CORTÁZAR, 1974, p.149).</p> <p>Em "Do conto breve e seus arredores", também de <i>Valise de cronópio</i> (1974), Cortázar enfatiza a brevidade ou essencialidade necessárias às palavras; por meio de uma linguagem</p>	

metafórica, ele segue relacionando ambos os gêneros:

Máquina infalível destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia dos meios; precisamente, a diferença entre o conto e o que os franceses chamam de *nouvelle* e os anglo-saxões *long short story* se baseia nessa implacável corrida contra o relógio que é um conto plenamente realizado [...]. [...] o sempre assombroso dos contos [...] está no fato de potenciarem vertiginosamente um mínimo de elementos [...] (CORTÁZAR, 1974, p.228-229).

Para Cortázar, o espaço curto exigido pelo conto e pela poesia encerra, necessariamente, um mundo maior do que aquele expresso por meio de palavras:

[...] porque o conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 1974, p.150).

[...]

Pensem nos contos que não puderam esquecer e verão que todos eles têm a mesma característica: são aglutinantes de uma realidade infinitamente mais vasta que a do seu mero argumento [...] (CORTÁZAR, 1974, p.155).

A linguagem crispada, mas ao mesmo tempo fluida de Menalton Braff, o uso de símbolos, metáforas, a escolha dos vocábulos não faz de “Crispação” uma prosa poética, mas a faz estabelecer pontos de contato com a poesia.

Um dos meios de expressão do autor é a técnica impressionista. Em trabalho recente, Rafaela Cardoso Beleboni confirma tal leitura por assinalar a obra *À sombra do cipreste* como portadora de traços impressionistas. Em sua dissertação de mestrado intitulada *Traços impressionistas nos contos de Menalton Braff* (BELLEBONI, 2007), a autora não apenas confirma sua hipótese como traz à tona a opinião do próprio escritor – expressa em entrevista concedida[2] para a pesquisadora – que ratifica a existência dessa tendência.

Para identificarmos os pontos de contato entre a prosa braffiana e uma linguagem poética de cunho impressionista, vamos fazer uma análise de “Crispação” apoiados no estudo dos verbos, adjetivos, substantivos, rimas, aliterações, sinestésias, uso de metáforas e símbolos. No entanto, inicialmente é necessário ter em mente o enredo do conto.

Enredo

Na cozinha, uma atmosfera quase estática. Ela reflete talvez as atitudes do casal que, calado, toma café; quietos há mais de duas horas, acostumados com o silêncio que há anos os cerca, xícaras, toalha de mesa e pratos sujos são alguns dos objetos que ajudam a compor essa situação incômoda.

A partir da desconcertante cena de solidão, o narrador, cujo foco incide sobre a protagonista, revela ao leitor a trajetória de um casamento que vai da cumplicidade até o momento atual, na qual o casal vive uma “vida comum em descomunhão” (BRAFF, 1999, p.43).

A partir dos sentimentos de Cacilda, descortinam-se as inúmeras tentativas da esposa para reatar o laço amoroso que os unia. Vemo-la empenhada em criar soluções para que a cumplicidade, o carinho, o diálogo voltem a fazer parte da vida a dois, no entanto, “[...] em dez anos atingiram a solidão. Feriram de morte o sortilégio dos desvendamentos.” (BRAFF, 1999, p.43).

Seu marido, um homem inerte, já não parece sentir mais vontades. Cabeça baixa, olhar fixo nas folhas verdes da toalha branca, não dá mostras de sentimento para com a esposa ou para com a vida. A protagonista chega mesmo a conjecturar que “devia ter vida interior suficiente para suportar longas jornadas sem um gesto, sem mover os lábios.” (BRAFF, 1999, p.43).

A narrativa é introspectiva, sem ação exterior, mergulhada no íntimo de uma mulher que sofre os desgostos da vida conjugal. Alfredo Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*, descreve como “romances de tensão interiorizada” aqueles romances em que “[...] o herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação.” (BOSI, 2006, p.392) e então subjetiviza o conflito. Os romances psicológicos são os maiores exemplos deste conceito. Estes gêneros pressupõem que a ação seja substituída pela memória e, portanto, ela é sempre diminuída. Braff enquadra-se no conceito de Bosi, pois possui contos memorialistas nos quais a inação de suas personagens é ressaltada.

A inação, ou seja, a atitude passiva das personagens é bastante explorada em "Crispação" e por isso podemos dizer que os contos de Braff são implosivos. E

a falta de um enredo ou de ação em benefício do sentimento, da memória e impressões ajuda a aproximar o conto braffiano à poesia impressionista.

Essa inação é afirmada pela memória. As personagens são estáticas, pois possuem atividade interior significativa, embora o gênero conto não tenha fôlego o suficiente para trabalhá-la em profundidade. Contudo, em "Crispação", há inação justamente porque o conto evidencia uma situação atomizada, na qual o tempo psicológico é maior que o cronológico.

Metáforas, comparações

O abundante uso de uma linguagem metafórica e plástica denuncia certo experimentalismo do autor e induz o leitor a relacionar a prosa de Braff à poesia. No primeiro parágrafo:

Farelos de pão, duas xícaras de café, as flores verdes da toalha branca. Pela porta aberta da cozinha, penetrava o cheiro furtivo e fresco de um mundo encharcado, a débil e obsedante melopéia do céu em final debulha no chuvisqueiro nascido com o princípio dos tempos. O relógio, o elefante azul de gesso, o guardanapo, a pilha de pratos por trás da vidraça. Há mais de duas horas a vã procura do que se dizerem. A vida comum em descomunhão. Em dez anos atingiram a solidão, feriram de morte o sortilégio dos desvendamentos. (BRAFF, 1999, p.43).

O primeiro parágrafo inicia-se com uma série de metáforas ou comparações para descrever a paisagem ou ações. Assim, "mundo encharcado" refere-se à descrição do chuvisqueiro que perdeu durante todo o momento da enunciação. Também relacionado ao chuvisqueiro ralo e monótono, mas incessante, a construção "a débil e obsedante melopéia do céu em final debulha no chuvisqueiro". E para descrever o relacionamento de Cacilda e Rodolfo, "feriram de morte o sortilégio dos desvendamentos", inicialmente dando indícios da fracassada relação de ambos.

Em quase todos os parágrafos é possível encontrar o uso dessas duas figuras de linguagem. Assim, "angústia das sendas irreversíveis" (p.43) era o sentimento de desalento de Cacilda; o futuro comparado a "um tranquilo desfiar do tempo" (p.43); a voz de Rodolfo soava como "punção aguda penetrando por fissuras de seu pensamento" (p.44).

Aliteraões

A linguagem de "Crispação" é cuidadosamente trabalhada, de modo que, em alguns pontos, podemos encontrar relações estreitas entre significados e sons. Poder-se-ia dizer que se utilizássemos um teórico da poesia como Roman Ingarden, por exemplo, para descrever este processo, poderíamos afirmar que o estrato fônico, ou seja, aquele que cuida das camadas sonoras, e o estrato das unidades de sentido, aquele que estuda o significado das palavras, estão em constante consonância em "Crispação". E esta consonância é um dos fatores que faz a linguagem do conto ser poética.

Como elemento sonoro, a aliteração é a figura de som que permeia toda a narrativa: "cheiro furtivo e fresco" (p.43), "débil e obsedante" (p.43), "melopéia do céu em final" (p.43), "punção penetrando" (p.44), "prática de provocar" (p.44), "sendas irreversíveis" (p.43). Das aliteraões, o som de "c" é recorrente. É necessário lembrar que tanto a protagonista quanto o nome do conto carregam esta marca, "Cacilda" e "Crispação" iniciam-se com a letra "c", além de contê-la no meio do nome. Exemplos dessa repetição podem ser destacados em: "comum descomunhão" (p.43), "chuvisco" (p.43), "encharcado" (p.43), "cheiro" (p.43), "clara concreção" (p.44), "Cacilda estremeceu" (p.44), "Cacilda pode ver os pingos do chuvisqueiro que encrespavam o cimento do quintal" (p.45), entre outros.

Rimas

Também adensando o estrato sonoro, pode-se dizer que no conto "Crispação" são encontráveis várias rimas internas, ou seja, no interior das orações e períodos. Isto demonstra, mais uma vez, o esmero construtivo do autor, conforme dão conta os exemplos:

"A voz de Rodolfo em clara concreção[3] soara-lhe como punção aguda" (p.44);

"e era-lhe difícil agora saber exatamente o que, num reduzido instante, parecia-lhe forçoso dizer" (p.45);

"A vida comum em descomunhão. Em dez anos atingiram a solidão" (p.43);

"Encolheu os braços, recolheu as mãos.

- Se você quiser...

- Não, não, nem pense mais nisso.

Rodolfo fixou-se então nas flores da toalha branca, enquanto pelo vão da porta [...]” (p.45).

Verbos, substantivos e adjetivos

De acordo com nossa análise, “Crispação” possui claramente um número maior de substantivos (98 no total) em relação aos adjetivos (46 no total) e aos verbos (74 no total, mas sendo boa parte deles de ligação).

A predominância de substantivos imprime uma expressão estática à narração. Esta situação condiz com a inação das personagens e corrobora para que a narrativa seja especificada como similar aos “romances de tensão interiorizada”, e assemelhada ao lirismo impressionista.

De acordo com Octávio Paz, em “Forma y significado” (1973, p.7-8), todo significado de um poema deve partir da estrutura, pois somente dela brota o significado, e não o inverso:

Las verdaderas ideas de un poema no son las que se le ocurren al poeta antes de escribir el poema sino las que después, con o si su voluntad, se desprenden naturalmente de la obra. El fondo brota de la forma, y no la inversa. O mejor dicho: cada forma secreta su idea, su vision del mundo. La forma significa; y más: en arte sólo las formas poseen significación.

Ao incluir na estrutura do conto mais substantivos do que verbos, Menalton Braff produz um efeito de passividade muito grande. Este, por sua vez, será trabalhado também em nível temático:

Irritava-se, no início, com sua inatividade tamanha e com os monólogos incomunicantes. Sofria os minutos vazios, as horas de compacto silêncio. Então brigava, cortava com violência os liames de Rodolfo com sua interioridade inacessível, arrastava-o para a superfície do acontecer, tudo na esperança de que aquilo não passasse de algum contratempo. [...] Percebeu a tempo que a prática de provocar Rodolfo desencaminhava suas relações para o impasse. Por isso, depois de muito exercício, atingiu também aquela espécie de nirvana. Tornava-se melancólica, impacientava-se com o transcorrer dos dias perdidos. (BRAFF, 1999, p.44).

Simbologia

Todo o conto estrutura-se em torno de símbolos, como o “elefante”, introduzido no início da narrativa, a cor “azul” ou as “mãos”.

De acordo com o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1998), “elefante” significa peso, lentidão, falta de jeito, estabilidade e imutabilidade.

Não apenas em nível temático a imutabilidade é trabalhada, senão que Rodolfo pode ser interpretado como o próprio elefante, contra quem sua esposa, cujo nome significa “lança de combate”, tentou lutar, tentando alterar-lhe a característica.

Além disso, o que endossa a interpretação de que o elefante pode ser o próprio marido advém da semelhança entre a cor azul do animal, “o elefante azul de gesso” (p.43), e os olhos do marido: “Rodolfo continuava de olhos fixos nos seus, e eram dois olhos azuis que aguardavam [...]” (p.45). Ainda de acordo com o mesmo dicionário, um dos significados dessa cor é a impavidez, a indiferença ou o não estar em outro lugar que em si mesmo. É preciso lembrar que Cacilda atribuía a seu marido “vida interior suficiente para suportar longas jornadas sem um gesto, sem mover os lábios” (p.43).

Já as mãos, que exprimem ideia de atividade, se crispam, soltas no regaço de Cacilda, quando Rodolfo decide finalmente falar para expressar sua vontade de tomar café. As mãos ficaram em evidência em todas as vezes que se tomou uma atitude ou se respondeu a ela: Rodolfo está olhando para suas mãos ao sentir vontade de café, mas recolhe-as quando essa vontade é impossível de ser satisfeita; Cacilda tem as mãos soltas no regaço como em referência à desistência da vida conjugal.

Conclusão

É preciso lembrar que “Crispação”, conto que faz parte de *À sombra do cipreste* (1999), de Menalton Braff, não é poesia, tampouco prosa poética. A relação que se pretendeu

estabelecer entre essa narrativa e o gênero lírico é, na realidade, uma tentativa de compreender a linguagem do autor.

No conto, a história de uma mulher que já não mais luta por seu matrimônio é narrada com poeticidade por um narrador heterodiegético. Esta poeticidade é passada por meio de uma linguagem estática, metafórica e plástica e rica em rimas internas, aliterações e simbologia. Além disso, a presença de sinestesia é muito marcante: o tato é evidenciado pelas mãos e pela crispação corporal; a visão, pelo olhar que Rodolfo e Cacilda trocam por um instante e pela plasticidade das cenas; a audição e o olfato são observados pelo constante barulho e cheiro da chuva; o paladar, por fim, está implícito, pois todo o conto ocorre na mesa do café.

"Crispação", portanto, possui pontos de contato com a poesia, especificamente com a impressionista, pois no conto, assim como os elementos sensoriais se sobressaem, as impressões das personagens são fundamentais, bem como o apreço pela linguagem, repleta de símbolos, metáforas, comparações e sonoridade, para a economia da narrativa.

Referências

BELEB ONI, R. C. **Traços impressionistas nos contos de Menalton Braff**. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

BRAFF, M. **À sombra do cipreste**. Ribeirão Preto, SP: Fábrica do livro, 1999.

BOSI, A. **Histórica concisa da literatura brasileira**. 44.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 12.ed, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

INGARDEN, R. **A obra de arte literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

PAZ, O. Forma y significado. In: _____. **Corriente alterna**. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

POE, E. A. **Poesia e prosa**. Porto Alegre: Globo, 1944 (v.1).

[1] Mestranda (Bolsa CAPES; Orientador: Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UNESP (Universidade Estadual Paulista) – Araraquara – CEP 14800-901 – SP – Brasil – natali_costa@hotmail.com

[2]A autora disponibiliza as entrevistas no apêndice A, p.121 de sua dissertação.

[3] Grifo nosso. O sublinhado visa a evidenciar as rimas.